

O CAMINHO INVERSO: A EMIGRAÇÃO DOS DESCENDENTES DE IMIGRANTES ITALIANOS DE ITUETA E SANTA RITA DO ITUETO NAS MINAS GERAIS PARA O NORTE DA ITÁLIA

Sandra Nicoli¹

Sueli Siqueira²

Mauro Augusto dos Santos³

Resumo

Os municípios mineiros de Itueta e Santa Rita do Itueto receberam, no início do século XX, imigrantes italianos e descendentes. No final do século XX, outro movimento é realizado pelos descendentes, desta vez em direção à Itália. Quais são as semelhanças e diferenças entre esses dois movimentos migratórios? A partir de entrevistas realizadas com os descendentes que emigraram para a Itália, pode-se considerar que ambos são motivados pela busca da melhoria de vida, que é encontrada no território de destino pelos primeiros migrantes, e, para os que emigraram recentemente, é projetada na origem, fator que redimensiona todo o projeto migratório.

Palavras-Chave: Migração internacional; Descendentes de italianos; Redes sociais; Retorno.

Área Temática: 3. Demografia

¹ Mestre em Gestão Integrada do Território pela Universidade Vale do Rio Doce - Univale. Graduada em História.

² Professora do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Doutora em Ciências Humanas.

³ Professor do Programa de Pós Graduação *Stricto Sensu* em Gestão Integrada do Território da Universidade Vale do Rio Doce – Univale. Doutor em Demografia.

Introdução

No início do século XX, os municípios mineiros de Itueta e Santa Rita do Itueto⁴, situados na Microrregião de Aimorés e na Mesorregião do Vale do Rio Doce, foram palco da chegada de diversas nacionalidades de imigrantes tais como: italianos, alemães (pomeranos), portugueses, espanhóis e de migrantes de origem brasileira, vindo de outros Estados e do próprio Estado de Minas Gerais.

Realça-se, inicialmente, que a presença de imigrantes de origem italiana nos municípios de Itueta e Santa Rita do Itueto se tornou marcante, ao longo dos anos, em relação aos de outras nacionalidades. A chegada de diversas famílias de imigrantes e descendentes de italianos, vindas principalmente do interior do Espírito Santo⁵, promoveu uma nova configuração a esse território, inserindo novas técnicas de manejo da terra, novos costumes e valores.

Com o passar dos anos e com o fracionamento das terras devido à herança dividida entre os muitos filhos dos imigrantes italianos, a sobrevivência dos descendentes das gerações mais novas se tornou cada vez mais difícil, pois não havia mais a perspectiva de continuar tirando o sustento somente da terra. Essa situação, atrelada à procura pela independência financeira e pela melhoria da qualidade de vida, dentro dos novos padrões de consumo da atual sociedade acabou gerando um cenário que propiciou a emigração (NICOLI, GENOVEZ, SIQUEIRA, 2013). Este artigo abordará o movimento migratório internacional.

Destaca-se que muitos dos descendentes das gerações mais novas⁶ escolheram migrar internamente em busca de trabalho ou para estudar. Outros escolheram a migração internacional como forma de atingirem seus objetivos e conseguirem uma melhoria da qualidade de vida. Tal circunstância fez com que muitos descendentes, a partir da década de 1990⁷, começassem a buscar o reconhecimento da cidadania⁸ italiana com o objetivo de emigrar para a terra dos seus antepassados.

⁴ Na época da chegada dos imigrantes italianos, as localidades pertenciam ao município de Aimorés e posteriormente a Resplendor. Apenas o município de Aimorés havia se emancipado em 1915. O município de Resplendor emancipou-se de Aimorés em 1939. Os municípios de Itueta (1948) e Santa Rita do Itueto (1963) se emanciparam de Resplendor.

⁵ Os migrantes que se destinaram para as localidades mineiras de Itueta e Santa Rita do Itueto eram, em sua maioria, famílias camponesas oriundas do Norte da Itália, principalmente da região do Vêneto. Eles se dirigiram primeiramente para as regiões de Alfredo Chaves e Castelo no atual Estado do Espírito Santo, vindo, posteriormente, para os municípios mineiros.

⁶ Durante a pesquisa de campo com os descendentes que emigraram para a Itália, foi possível constatar que é a partir da quarta geração que se configura a emigração para o exterior.

⁷ Diante das entrevistas realizadas, durante a pesquisa de campo, foi possível constatar que os dois primeiros descendentes que emigraram com o documento de dupla cidadania para a Itália data do final do ano de 1997.

⁸ A cidadania é o conjunto dos direitos políticos de que goza um indivíduo e que lhe permite intervir na direção dos negócios públicos do Estado, participando de modo direto ou indireto na formação do governo e na sua administração, seja ao votar (direto), seja ao concorrer a cargo público (indireto)" (<http://www.dicionarioinformal.com.br/cidadania/> acesso em 23/12/2013). "A Dupla nacionalidade, comumente referida também como dupla-cidadania, é um *status* no qual um indivíduo é titular da nacionalidade de dois Estados nacionais concomitantemente. A dupla-nacionalidade não é um título concreto e independente, ou seja, uma pessoa não *tira dupla-nacionalidade* ou *ganha dupla-cidadania*. A dupla-nacionalidade é, portanto, um *status* derivado simplesmente da acumulação de duas nacionalidades, autônomas entre elas" (<http://societaitalianapiracicaba.com/dupla-cidadania/> acesso em 23/12/2013). Destaca-se que o Brasil autoriza a obtenção de outra nacionalidade. A Itália permite a obtenção de sua nacionalidade por *jus sanguinis*. No caso dos

Segundo os dados do Ministério das Relações Exteriores a estimativa é de que há 85.000 brasileiros na Itália e, em toda a Europa, esse número seria de aproximadamente 911.889⁹. O Censo Demográfico de 2010 apresenta números bem mais modestos¹⁰, sendo a Itália o quinto destino mais frequente dos brasileiros que emigram.

No presente artigo vamos analisar os relatos dos descendentes de imigrantes italianos residentes¹¹ na região estudada que emigraram para a Itália. Com esse grupo foram realizadas 15 entrevistas em profundidade, das quais usamos 08 entrevistas para o presente artigo. O quadro 01 apresenta as principais características dos sujeitos entrevistados.

descendentes de imigrantes italianos, a obtenção da dupla cidadania é por jus *solis* (Brasil) e por jus *sanguinis* (Itália).

⁹ As estimativas são com base em consultas feitas, no final do ano de 2010, às Embaixadas e aos Consulados no Brasil sobre a presença brasileira em suas jurisdições. Fonte: (<http://www.brasileirosnomundo.mre.gov.br>)

¹⁰ O número considerado de brasileiros moradores no exterior, segundo os dados do Censo Demográfico de 2010, é de 491.645, disseminados por 193 países. Os principais destinos dos brasileiros foram: Estados Unidos da América (23,8%), Portugal (13,4%), Espanha (9,4%), Japão (7,4%), Itália (7,0%) e Inglaterra – Reino Unido (6,2%). Destaca-se que quase a metade desses migrantes tem como origem a região sudeste brasileira, principalmente dos Estados de São Paulo (21,6%) e Minas Gerais (16,8%).

¹¹ Somente uma descendente entrevistada estava à passeio no período da pesquisa de campo.

Quadro 01: Principais características dos descendentes emigrantes.

Entrevistado	Idade	Sexo	Grau de instrução	Situação	Atividade/Renda antes de emigrar.	Investimento
J. B. Magri	35 anos	Masculino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Trabalhava com o pai na propriedade rural.	Ampliação da lavoura/ melhoramento do solo/ poupança.
H. Cassini	43 anos	Masculino	Ensino Fundamental Completo.	Retornado.	Empregado/CLT.	Compra de ponto de táxi/ automóvel para trabalho/ poupança.
V. Zorzal	45 anos	Masculino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Trabalhava com a mãe e os irmãos na propriedade rural.	Investimentos na propriedade rural / poupança.
M. Daros	34 anos	Masculino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Trabalhava com o pai na propriedade rural.	Compra de imóvel na área urbana / investimento em empresa de prestação de serviços para a área rural com tratores.
J. R. Mighiorin	61 anos	Masculino	Ensino Fundamental Completo.	Retornado.	Trabalhava na sua propriedade rural.	Poupança.
M. Daros I	30 anos	Masculino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Trabalhava com o pai na propriedade rural.	Poupança.
E. Mighiorin	39 anos	Masculino	Ensino Médio Incompleto.	Retornado.	Empregado/CLT.	Investimento em comércio na área urbana / poupança.
M. Vazzoler	36 anos	Feminino	Ensino Fundamental Incompleto.	Retornado.	Serviços domésticos na área rural.	Construção da casa na área rural / compra de propriedade rural / poupança.
M. Fazzolo	31 anos	Masculino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Trabalhava com o pai na propriedade rural.	Compra de um caminhão para trabalho/ poupança.
M. Dalfior	28 anos	Feminino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Funcionário Público na área da educação.	Reforma na casa na área rural/ poupança.
M. A. Stefanon	33 anos	Masculino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Trabalhava com o pai na propriedade rural.	Ampliou a plantação de café / investimento na melhoria do solo / reforma da casa na área rural / poupança.
P. Magri	23 anos	Masculino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Trabalhava com o pai na propriedade rural.	Poupança.
A. Casagrande	32 anos	Feminino	Ensino Médio Completo.	À passeio.	Trabalhadora/CLT.	Investimentos em imóveis na área urbana e rural.
A. Baldon	50 anos	Masculino	Ensino Fundamental Completo.	Retornado.	Trabalhava com o pai e os irmãos na propriedade rural.	Construção da casa na área rural / investimentos em café/ compra de propriedade rural/ poupança/compra de imóvel na Itália.
A. B. Baldon	38 anos	Feminino	Ensino Médio Completo.	Retornado.	Funcionário Público na área da educação.	Compra de imóvel na área urbana/ poupança.
M. Baldon	47 anos	Feminino	Ensino Fundamental Completo.	Retornado.	Serviços domésticos na área rural.	Compra de propriedade rural/poupança.

Fonte: Pesquisa de campo, 2012/2013.

Emigração da geração mais nova: Estados Unidos da América e Itália

A Microrregião de Governador Valadares-MG foi o ponto inicial da emigração de brasileiros para o exterior. Através dos primeiros emigrantes valadarenses¹², a rede migratória foi se formando e consolidando ao longo das décadas de 1960 e 1970. Já nos meados dos anos de 1980, ocorre um significativo aumento da emigração de brasileiros para o exterior, principalmente para os Estados Unidos da América. Esse movimento se espalha por toda a região e atinge, nos dias atuais, vários Estados brasileiros (SIQUEIRA, 2008).

A migração atualmente é diversificada e ocorre a partir dos países periféricos em direção aos países centrais. Esse novo panorama da mobilidade está ligado à nova dinâmica do capitalismo, marcado, principalmente, pela globalização da produção. Contudo, é importante ressaltar que são vários os fatores que possibilitaram o crescimento do atual fluxo de migrantes internacionais, tais como a reestruturação econômica que internacionalizou a produção e possibilitou o surgimento de um espaço transnacional, facilitando a mobilidade do trabalho; a existência de um mercado secundário pouco atrativo para os trabalhadores nativos, mas extremamente interessante economicamente para os emigrantes; e a formação de redes sociais nas quais trafegam as informações e os mecanismos facilitadores do projeto migratório (SIQUEIRA, 2009).

A migração internacional de brasileiros, dentro desse novo contexto, é pouco significativa em termos de volume, se comparada a outros países, mas é consequência do mesmo processo de transformações econômicas e sociais, resultantes do novo paradigma da economia mundial. [...] O destino da maioria dos brasileiros [são] os Estados Unidos, em razão, principalmente, das possibilidades de trabalho e das redes de relações que disseminam informações sobre o mercado de trabalho e criam mecanismos facilitadores para o processo de emigração (SIQUEIRA, 2009, p. 65).

Segundo Santos e Barbieri (2012), a migração é um componente da dinâmica demográfica que responde mais velozmente a variações na conjuntura socioeconômica. Sua concretização depende de fatores estruturais e conjunturais, além de passar pela decisão individual e pela avaliação de riscos e retornos que o empreendimento pode vir a realizar.

Siqueira (2009) destaca que desde a segunda metade dos anos de 1980, o fluxo migratório internacional da Região do Rio Doce é marcadamente direcionado para os Estados Unidos da América. Mesmo que no decorrer do tempo ocorra uma mudança nos planos iniciais, a maioria desses emigrantes tem como projeto retornar e investir na sua região de origem, objetivando melhorar sua condição socioeconômica.

Inicialmente os emigrantes da região estudada acompanharam o mesmo fluxo, emigrando para os Estados Unidos da América. Porém o documento de dupla cidadania, que possibilita a entrada no território norte-americano sem o visto, não garante a inserção no mercado de trabalho. Portanto, ao exercer atividades laborais remuneradas, esses imigrantes tornavam-se indocumentados¹³.

Com o atentado das torres gêmeas em setembro de 2001 e, conseqüentemente, o acirramento da fiscalização da Imigração norte-americana, o destino dos emigrantes da região estudada muda de direção. Eles passam a se deslocar para o norte da Itália – a mesma região de origem dos seus antepassados. Porque escolhem essa região?

É certo que o documento de dupla cidadania é um fator determinante, pois através dele conseguem trabalhar e viver documentados no país. Eles estão livres dos constrangimentos de serem indocumentados, como é o caso dos que emigram para os Estados Unidos da América. Outro fator é o desejo de conhecer a Itália das histórias ouvidas desde a infância, contadas pelos seus pais

¹² Os primeiros valadarenses que emigraram, na década de 1960, eram jovens das camadas mais ricas da população e empreenderam o projeto migratório muito mais em função da aventura do que em busca de ganhos econômicos (SIQUEIRA, 2008).

¹³ Consideramos o termo “ilegal” inapropriado para se referir ao emigrante, por essa razão utilizamos o termo indocumentado.

e *nonos* (seus avós). Eles cresceram ouvindo que eram italianos nascidos no Brasil, portanto diferente dos “brasileiros”¹⁴.

Um dos principal motivo, eu tinha interesse de conhecer a Itália, saber de onde a minha origem foi, [...] um princípio meu, né, de onde [...], meus bisavó vieram, né. Tudo se originou de lá, né, então esse era um interesse meu de ir lá. E um interesse que eu também já fui [...], pra trabalhar, pra mim ver como que seria [...] permanecer na Europa, eu me estabilizar lá né, na Itália no caso. (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta)¹⁵.

Aliado a esses fatores, outro aspecto foi decisivo: os primeiros que emigraram para essa região tinham a informação de que havia grandes possibilidades de trabalho.

Ah, eles [os primeiros] disseram que a região lá [Itália] era muito desenvolvida, tinha muita necessidade de mão-de-obra. Por ser muito desenvolvida é que precisava de pessoas pra trabalhar, é aí que o imigrante entra. E como nós temos o documento fica bem mais fácil. (E. Mighiorin, 39 anos, Santa Rita do Itueto).

Nos relatos de M. Fazzolo e E. Mighiorin fica evidenciado que, além da vontade de conhecer suas origens, há também a possibilidade de trabalho e melhoria de vida. Isso fica mais evidente no relato de V. Zorzal. Ele vivia na área rural com sua esposa e uma filha e passava por dificuldades financeiras. A emigração era a possibilidade de resolver seus problemas em um espaço de tempo mais curto do que se permanecesse na origem. Emigrou para o norte da Itália no ano de 2006. Destaca-se que, diferente dos seus antepassados, seu período de emigração tinha tempo determinado. A família permaneceu na origem e o retorno era parte constitutiva do seu projeto migratório.

Fui somente pra trabalhar. [...] O principal foi o financeiro, né, eu fui trabalhar pra tentar melhorar alguma coisa financeiramente. Tinha uma dificuldade financeira, se eu ficasse aqui eu resolvia também, mas eu queria resolver num tempo mais curto né. Trabalhar lá, num período, metade ou menos do tempo eu conseguia normalizar as coisas, como eu consegui. Aí tentei. O principal mesmo é esse. No caso fui quase obrigado a deixar a família. (V. Zorzal, 45 anos, Itueta).

Refletindo sobre essa questão, é interessante realçar que a dispersão de povos e culturas através de espaços geográficos, no início do século XXI, tem colocado novos sentidos para os deslocamentos diferentemente dos da segunda metade do século XIX. São diversos grupos de migrantes que se espalham pelo mundo, cruzando fronteiras e reconstruindo identidades. No caso específico do presente estudo, em Itueta e Santa Rita do Itueto focalizam-se os descendentes de imigrantes italianos do século XIX e início do século XX, vivenciando as experiências da “volta à terra de seus antepassados”.

É certo que a cidadania italiana é um facilitador para essa mobilidade espacial, contudo, outros fatores devem ser considerados, como, por exemplo, a possibilidade destacada pelo entrevistado V. Zorzal de ganhar dinheiro, resolver seus problemas financeiros e retornar para o ponto de partida.

Os italianos que imigraram para o Brasil, carregavam consigo o desejo de recriar em solo brasileiro uma nova Itália. Vieram para ficar e aqui constituir suas famílias em melhores condições do que na sua terra natal. Diferentemente, os descendentes dos imigrantes, entrevistados nesse

¹⁴ Enfatiza-se que na região estudada os descendentes de imigrantes italianos se consideram “italianos” e os não descendentes são considerados “brasileiros”. É comum a expressão: “nós italianos e os brasileiros”

¹⁵ Destaca-se que a identificação dos sujeitos será feita pela letra inicial do nome e pelo sobrenome de descendência italiana, a idade e o local/região de residência. Desta forma, estaremos preservando o anonimato do entrevistado (a). Enfatiza-se que apenas uma entrevistada estava a passeio no Brasil, por isso, será colocada a região de residência na Itália.

estudo são, em grande parte, pessoas na faixa etária de 18 a 40 anos, com oito anos de escolaridade em média, originários principalmente da região rural. Eles emigraram com o principal objetivo de trabalhar, fazer poupança, investir e retornar para o local de origem.

Essa é uma das diferenciações entre a imigração italiana, registrada a partir da segunda metade do século XIX, que chegou à região estudada e a atual emigração dos descendentes, a partir do final do século XX, para a Itália. A imigração italiana era familiar, composta por camponeses com baixa escolaridade. Já a emigração dos descendentes, que fazem parte desse estudo, é individual, composta por pessoas originárias principalmente da área rural, majoritariamente do sexo masculino, com nível médio de escolaridade.

Os descendentes na Itália: a descoberta de ser estrangeiro na terra dos antepassados

Enfatiza-se que o território formado e apropriado a partir das relações sociais nos municípios de Itueta e Santa Rita do Itueto, ou seja, o território “italianizado” deixou marcas e histórias por gerações. Assim, os descendentes que emigraram tinham informações de uma Itália contada por seus antepassados, ou seja, uma Itália ainda do século XIX. Por isso, ao chegarem em solo italiano, todas as informações que guardavam na memória foram desconstruídas.

Como destacado por Siqueira (2009), o fluxo migratório internacional da Região do Rio Doce é marcadamente direcionado para os Estados Unidos da América, desde a segunda metade dos anos de 1980. A maioria dos descendentes acompanhou primeiramente o fluxo em direção aos EUA, como fez o descendente M. Fazzolo, que emigrou duas vezes para o exterior. A primeira foi para os EUA, em 2003. Ele permaneceu naquele país por aproximadamente quatro anos. Retornou ao Brasil e, depois de quase um ano, decidiu emigrar para a terra de seus antepassados no ano de 2009. A região para a qual se destinou foi Milão no norte da Itália. O descendente emigrante destaca em seu relato as poucas informações que ele possuía da Itália de hoje. As informações mais concretas eram as transmitidas por seus pais, tios e avós de uma Itália do tempo da imigração dos seus antepassados.

[Informações atuais da Itália] *Pouco. Por televisão e mais com amigos, né. No caso amigos que já estavam lá. De uma Itália de agora. [a informação mais concreta-antepassados] Da Itália que eles saíram, a informação que eu tinha, que eu sei, que eu sempre soube, deles falar, é as histórias deles, né. Que eles comentavam, era uma Itália que não estava num período muito bom. Tanto que eles vieram pra cá, saíram de lá, procurando alguma coisa melhor aqui, né. (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta).*

Ao viver na Itália, M. Fazzolo fez o seguinte relato:

A Itália como é um país antigo, ela ainda preserva certas cultura, daquela época antiga, [...] a cultura lá eles preservam muito, os mais idosos, né. Os mais novos não, os mais novos já tão numa fase mais avançada. (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta).

Esse relato é um resumo do que a maioria dos descendentes que emigraram falou em relação à Itália contada pelos antepassados e a atual Itália. O descendente P. Magri acrescentou ainda:

Os italianos antigos daqui [Itueta e Santa Rita do Itueto] também preservam muita coisa e destacam que é de italiano. Mas nós mais novos não estamos preservando tanto quanto eles. Lá na Itália eu percebi isso também, porém com os mais idosos, agora com os mais novos, estão muito pior que nós, de italianos eles num têm nada. (P. Magri, 23 anos, Santa Rita do Itueto).

O descendente A. Baldon trabalhava com todos os irmãos na lavoura. Como a renda era familiar, decidiu emigrar para a terra dos antepassados para adquirir recursos que lhe propiciariam meios de possuir sua própria renda e, assim, seus filhos pudessem ter melhores condições de vida dentro dos novos padrões da atual sociedade. Destaca-se que, após um ano vivendo na Itália, A. Baldon retornou ao Brasil, voltando a emigrar com a esposa e os dois filhos para a Itália.

Era sempre trabalho junto com a família né. Era sociedade e nada era meu. Eu tinha aquilo que eu precisava mas, não sobrava né, por que tudo era em prol da família né. [...] [motivo pra ter emigrado] conseguir uma vida melhor. Por que as terras que a família tinha era ainda da família do meu pai e da minha mãe e como tinha mais irmãos eu tinha vontade de ter a minha própria, conseguir um dinheiro e também a cidadania que era importante visando um futuro para os filhos né. Se eu conseguisse ganhar um extra, um dinheiro lá mais rápido, mais fácil era bom pra mim, e aconteceu, graças a Deus eu tive a sorte. (A. Baldon, 50 anos, Santa Rita do Itueto).

Destaca-se que o descendente A. Baldon retornou em definitivo para a localidade onde morava, no município de Santa Rita do Itueto, no ano de 2008. Seus investimentos, conforme pode ser observado no quadro 01, foram variados, tendo investido, inclusive, na Itália.

O descendente M. Fazzolo destaca em seu relato sua escolaridade, o trabalho na área rural e que, ao chegar à Itália, procurou frequentar cursos oferecidos para os imigrantes. Assim como M. Fazzolo, a maioria dos descendentes que emigraram trabalhavam com os pais na pequena propriedade familiar, conforme demonstrado no quadro 01.

[No Brasil] Segundo grau completo. [...], porque eu trabalhava [...] com meu pai na roça, né. É uma propriedade rural. Renda, renda era da propriedade, né. [...]. [Na Itália] Frequentava alguns curso, é de línguas. [...] é a prefeitura, a que oferecia [cursos], né, para os imigrantes. [...]. Primeiro a língua né, e depois em consequência vinha um pouco da cultura italiana né, pra gente se adaptar. (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta).

Os descendentes emigrantes das localidades em estudo chegam à Itália com o documento de dupla cidadania, confiando estar nas mesmas condições do italiano nativo. Porém, em seus relatos, confirmam a desilusão em relação ao tratamento recebido como cidadãos italianos. O documento de cidadania ajudou na inserção legal no trabalho, mas não na sociedade italiana. São estrangeiros e só conseguem se inserir no mercado de trabalho secundário (NICOLI e SIQUEIRA, 2012, p. 106).

O trabalho era bom, eu gostava. Trabalhava com uma empresa de, que alugava material pra festa né. É mesa, prato, copo, talheres né, tudo que cê precisa em geral pra uma festa, eles alugavam. Aquele material, cadeira, mesa, tudo. Toalha pra mesa, flor [...]. [Quantas horas trabalhava?] Um dia pro outro era a média de, porque semanalmente cê trabalhava normal [...], das oito às cinco, às seis e só final de semana que aumentava o serviço, então aumentava um pouco das horas né. Aí já levava um pouquinho além do horário, porque pela necessidade que tinha de tá organizando o material, pra tá saindo pra outras festas, né. [...] O domingo era folga né. Nem sempre, sempre tinha um... Já tava tanto num pique, o aluguel do material, se tivesse tanta festa e o material desse pro final de semana, então dava pra ter uma folga no domingo. [...], trabalhei de motorista um mês e pouco, [...] eu num período, num pequeno período trabalhei com pintura e feira de exposição. (M. fazzolo, 31 anos, Itueta).

Construção civil. [...], pedreiro. [...], acabei de aprender lá. [...] Reforma de banheiro, piso, azulejo esse ramo aí. (A. Baldon, 50 anos, Santa Rita do Itueto).

Limpeza. [...], limpeza de portaria de prédio. Eu trabalhava de porteiro no prédio. Limpando e cuidando da portaria. (M. Vazzoler, 36 anos, Santa Rita do Itueto).

Destaca-se que a cultura vivenciada, na origem, a partir do dialeto, dos cantos, da culinária, das festas típicas italianas e da memória dos antepassados, não lhes ofereceu nenhuma identidade italiana que promovesse a inserção na sociedade de destino, ao contrário, lá se perceberam estrangeiros, ou seja, brasileiros. Assim, toda identidade italiana que os definia no local de origem foi desmontada, ao se perceberem como qualquer outro estrangeiro no país que acreditavam ser parte de sua identidade (NICOLI e SIQUEIRA, 2012, p. 106).

Oh... Eu fui bem acolhido pelos italianos. Eu já imaginava que eu tendo origem italiana, então já era, seria atendido de uma maneira diferente num é? E de certa maneira fui. [...] Primeiro eu fiquei impressionado mesmo foi com a língua, [...] que até então só tinha contato de, [...] de pequenas palavras né, em poucas, era em frases curtas e ali eu já me deparei com uma língua mãe né. (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta).

Sobre a diferença que sentiu ao chegar à terra de origem dos antepassados, a descendente de migrantes italianos A. Casagrande, que residia no município de Itueta e emigrou para a Itália em 2003, descreve em seu relato que, no contato com o país de origem de seus antepassados, os descendentes emigrantes são tratados como estrangeiros.

Na verdade quando eu cheguei lá eu levei um susto, era tudo novo, era uma experiência nova. [...], então quando eu fui para Itália eu achei assim, por eu ser descendente de italiano eu achei que eu fosse chegar lá que seria outra coisa. Eu iria chegar e ser um povo mais acolhedor mais assim, só que na verdade não. [...] Mas na verdade não, eles são muito acolhedores quando são turistas, então quando você vai realmente trabalhar muda um pouquinho o negócio, mas só que eu fui me adaptando tinha que me adaptar. Depois eu fui aprendendo a língua porque no início eu fiquei assustada não sabia a língua, não estava trabalhando, eu queria trabalhar e tudo. Depois eu fui me acostumando, eu aprendi a língua [...] mas tem o dialeto de cada região, você acaba até brincando com a própria língua. A região mesmo que eu estou puxa muito o R fala muito o dialeto Fiorentino, já o norte da Itália, hoje tem a maioria da emigração dos descendentes dessa região aqui são do norte da Itália, eles falam muito engraçado é como se eles falassem cantando então você acaba brincando e acostumando. (A. Casagrande, 32 anos, Toscana).

Assim como A. Casagrande, E. Mighiorin destacou em seu relato o impacto que sentiu ao chegar às terras dos antepassados.

Foi muito grande assim, foi muito grande, muito grande. Que você chegar num país que sua família, seu sangue tá ali né, nós somos descendentes de italiano. Então nosso sangue é italiano, mesmo que nós nascemos no Brasil. Aquilo dos nossos avós, no caso, e tudo fica no sangue. Eu tinha uma ideia assim muito forte, muito forte mesmo que era tudo certinho né, [...], mas, [...] a gente tem impacto assim, que não é aquilo que a gente pensava. [...]. Muita diferença! (E. Mighiorin, 39 anos, Santa Rita do Itueto).

O descendente P. Magri também descreve o sentimento de estranhamento ao chegar à terra dos *nonos*.

Aqui nós somos considerados italianos. Somos vistos como diferentes. Não tanto atualmente, mas somos diferenciados dos que não tem origem italiana. Quando a gente chega lá descobre que somos mais parecidos com os brasileiros do que com os italianos de lá. Eles nos consideram e nós nos sentimos estrangeiros. Como eles

mesmos sempre falam: “extra comuni”. Nós somos de fora da sociedade deles. (P. Magri, 23 anos, Santa Rita do Itueto).

Durante a pesquisa de campo observamos que os descendentes mais antigos residentes na região estudada, consideram-se italianos nascidos no Brasil e, portanto, diferentes dos brasileiros. Isso é confirmado em seus relatos quando se referem a si mesmos como “nós italianos” e aos outros como “os brasileiros”. Essa mesma perspectiva encontra-se nos descendentes que emigraram para a Itália. No relato acima, fica evidente que o entrevistado considera-se diferente dos brasileiros que não têm origem italiana. Entretanto, o contato com os italianos o fez perceber-se mais brasileiro. Todos os costumes cultivados na origem e que os diferenciavam dos brasileiros não são identificados quando chegam à Itália. Descobrem-se brasileiros, conforme pode ser observado no relato a seguir.

Mesmo que somos descendentes de italianos, temos o documento de cidadania concedido pelo Consulado da Itália no Brasil, lá nós somos vistos como estrangeiros, latinos, brasileiros. Nada do que nos define aqui no nosso local como italianos existe lá [Itália]. [...] Descobrimos que somos brasileiros mais lá do que aqui [Brasil]. Nem língua, nem comida, nem costumes nos ajudam a ser reconhecidos como italianos como aqui no nosso local. [...] Eles [italianos] compreendem que somos descendentes e temos direitos e deveres como italianos, mas não nos consideram como tais. (J. B. Magri, 35 anos, Santa Rita do Itueto).

A rede de ajuda e informações que se aperfeiçoou durante a chegada das famílias de migrantes italianos a Itueta e Santa Rita do Itueto, no início do século XX, continua sendo observada entre os descendentes que emigram para a Itália. No destino, já é possível perceber a formação de uma rede de relações entre os descendentes, com formas e características diferentes dos primeiros imigrantes, porém com a mesma intenção de minimizar os riscos e sofrimentos.

Massey et al (2000) ressalta que o fenômeno da migração internacional pode ser também explicado no estabelecimento de redes sociais. Segundo esses autores, as redes são formadas pelos primeiros migrantes que se fixam em determinados lugares e mantêm estreitas relações com a origem. As redes de migrantes são conjuntos de laços interpessoais que ligam migrantes, migrantes anteriores e não-migrantes. Portanto, a teoria das redes compreende o fenômeno da migração internacional a partir de um conjunto de conexões estabelecidas pelas relações sociais tanto na origem quanto no destino.

Em seus estudos, Tilly (1990) demonstra a importância das redes sociais na articulação dos processos migratórios, enfatizando a solidariedade no interior dos grupos migrantes como uma das características que configuram e sustentam as redes sociais. Assim, as redes sociais emergem em decorrência do próprio desenvolvimento do processo migratório e das conexões que passam a ser estabelecidas.

Boyd (1989) destaca o papel que a família, amigos e origem comum desempenham no fornecimento de informações e auxílio no processo migratório. Segundo o autor, esses fatores é que sustentam as redes migratórias.

A importância das redes na configuração e manutenção dos fluxos migratórios e também na circulação de informação é destacada por Siqueira (2009, p. 46)

[...] as redes fornecem informações, indicam meios que auxiliam o processo de migração e atenuam as dificuldades no país de destino. A migração internacional pressupõe ir ao encontro de uma sociedade, geralmente com língua, costumes e valores diferentes. Significa um empreendimento de muitos riscos. Riscos estes que são amenizados por intermédio das redes sociais. Além de facilitadoras na concretização do projeto de migrar, as redes dão novas configurações ao meio no qual se estabelecem. Junto com os projetos pessoais ou coletivos o imigrante leva também sua identidade étnica, suas relações de parentesco, suas identidades de gênero, enfim, um *background* cultural que vai consigo. Seus valores e costumes dão nova configuração à sociedade de destino.

Os relatos dos descendentes M. Fazzolo, V. Zorzal e A. Casagrande destacam a rede de relações entre os entrevistados, tanto na origem quanto no destino. Tais relatos resumem o que a maioria dos descendentes que emigraram destacou em suas entrevistas.

Quando eu migrei, [...], tinha companhia né, já assim, pessoas que já moravam lá, eu aproveitei a companhia deles pra ir junto [viajar]. Acompanhado. (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta).

Foi no norte da Itália, na região de Milão. [...]. Próximo a Milão, na periferia, mas tudo ligado. [...], eu fui com um amigo meu, que tinha cidadania também, [...]. Fui com ele, fui pra casa dele. [...]. Também descendentes. Inclusive ele tá lá até hoje. [...]. Me ajudou, porque eu fiquei na casa dele uma semana e depois ele arrumou lugar pra eu ir ficar na outra casa, né, outra casa. (V. Zorzal, 45 anos, Itueta).

Tenho um irmão que mora comigo e o meu cunhado e sua esposa e tenho o meu primo. [...] são também descendentes. Vamos dizer, todos passavam na minha casa, o ponto de apoio foi a nossa casa depois a gente ia dividindo aí cada um ia dividindo. [...], inclusive a gente se reúne, não sempre, a gente se reúne em datas comemorativas como aniversário ou datas festivas como natal, ano novo a gente se reúne faz churrasco, às vezes até dança, às vezes vai em um parque a passeio. Tem bares tem restaurante brasileiro é onde tem um maior fluxo de brasileiros e se reúne assim, só quando vem o frio que vai todo mundo para a toquinha e é mais difícil. (A. Casagrande, 32 anos, Toscana).

Realça-se, nas entrevistas em profundidade ou em conversas informais, que os descendentes que emigraram sempre enfatizam a ajuda e as informações que obtiveram em todo o decorrer do trajeto migratório. Enfatizam ainda que o projeto migratório foi concretizado devido principalmente às informações e ajudas obtidas.

O descendente M. Fazzolo destacou em sua entrevista que procurou informações sobre a Itália com pessoas que já residiam naquele país.

Primeiro eu pesquisei com pessoas que já moravam lá e com quem tava lá. Todas dessa região de Minas Gerais mesmo né, depois que eu tava lá que eu passei a conhecer gente de outras partes do Brasil. Mas [...] muita gente dessa região aqui de Minas Gerais mesmo. [...] Santa Rita, Aimorés, Conselheiro. [...] [Porque decidi ir para o Norte da Itália] é porque já tinha alguém que conhecia lá. Morando lá. Bastante. [...]. Na região ou proximidade de Milano. [...]. Pode ter alguém que vai te acolher sim. (M. Fazzolo, 31 anos, Itueta).

O descendente V. Zorzal destacou que obteve ajuda e informações de um amigo que já vivia na Itália e estava de férias no Brasil.

Ele veio de férias pra cá, ele veio cá em casa passear. Conversando com ele, ele falou que se eu quisesse ir, que eu podia ir com ele, aí eu tava com os documentos tudo em dia, eu fui, com ele. [...]. Não tinha noção de qual região era melhor pra eu ir lá. No caso a região norte lá, pra trabalhar é melhor né, mais desenvolvida, né. (V. Zorzal, 45 anos, Itueta).

Destacando que seu marido sempre ajudava os que o procuravam na Itália, a descendente M. Vazzoler enfatizou em sua entrevista que:

Olha, era independente se era dessa região ou não, talvez era um amigo do amigo dele que ele fez lá. Então era uma corrente assim, era um ajudando o outro. Tenho um amigo que tá precisando disso se um tá podendo ajudar o outro ajuda, o outro tá chegando... (M. Vazzoler, 36 anos, Santa Rita do Ituíto).

Ao chegarem às localidades em estudo, demonstram que estar na terra dos antepassados os fez ver que ela não era o que imaginaram ao sair do Brasil. A Itália da memória dos pais, tios, avôs e bisavós ficou num passado distante, uma Itália ainda do século XIX impregnada nas memórias. Na atual Itália não está presente a Itália de suas memórias.

Na terra dos antepassados descobrem que são identificados como estrangeiros – nesse caso, como brasileiros – e não como descendentes de italianos, como são vistos e como se sentem nos locais de origem. Toda a identidade que os define é desmoronada ao chegarem às terras dos antepassados.

Os relatos anteriores nos permitem considerar que os emigrantes da região estudada utilizam-se das redes, tanto para obter informações sobre as condições no destino como para reduzir os constrangimentos quando chegam. É interessante destacar, como afirma M. Fazzolo, que, em solo italiano, primeiro fez contato com seus conterrâneos e só depois conheceu brasileiros de outra região. Podemos afirmar que conexões são estabelecidas tanto na origem como no destino do migrante, tornando acessível o projeto de migrar. Assim foi possível migrar, trabalhar, poupar, investir e retornar ao Brasil.

O Retorno e a diferenciação entre os projetos migratórios

Os descendentes emigraram com o objetivo de trabalhar, fazer poupança, investir e retornar para o local de origem. O grupo entrevistado realizou seus investimentos em Itueta e Santa Rita do Itueto, seus municípios de origem, e/ou nas proximidades.

Destaca-se que a maioria dos investimentos é feita em compra de terrenos, mudas de café, estocagem de café e melhorias nas lavouras, e na reforma ou construção de casas na área rural. Na área urbana, a maioria dos investimentos se realiza na compra de lotes. Alguns descendentes emigrantes investiram em imóveis em localidades um pouco mais distantes, como Colatina (ES), Vitória (ES) e Belo Horizonte (MG). Outro detalhe é que muitos descendentes, ao retornarem, reiniciaram os estudos.

A gente ampliou, comprou um pedaço de terra onde a gente morava e compramos [...] mais outro pedaço. (M. Vazzoler, 36 anos, Santa Rita do Itueto).

Diante dos dados coletados é possível enfatizar que esses dois fluxos, dos imigrantes italianos vindo para o Brasil em busca de sobrevivência e atualmente de seus descendentes indo em direção inversa se distanciam não apenas no tempo, mas também na natureza, perfil do emigrante e projeto de emigração. Enquanto as famílias de imigrantes italianos chegaram à região brasileira com objetivo de nela permanecerem, os descendentes emigram para a Itália com o projeto de retornar para o Brasil e investirem nas mesmas atividades rurais dos seus antepassados e em outras atividades. Destaca-se, também, que a primeira emigração era familiar, enquanto a emigração dos descendentes é individual. Essas práticas têm reconfigurado a economia local, pois a maioria dos investimentos desses descendentes de italianos são nos próprios municípios de Itueta e Santa Rita do Itueto ou em outras localidades dentro da Microrregião de Aimorés.

E. Mighiorin, em seu relato, demonstra a diferença do seu projeto migratório em relação ao dos seus antepassados, descrevendo que o caminho inverso percorrido por ele também tem diferentes propósitos.

Vieram é pra ter mais terra com certeza. Mas, quando chegaram [...] foram um impacto também né. Vieram sem nada, acredito que quase todos né, na época de [...] mil oitocentos, [...] pela história que eu já ouvi falar [...]. Vieram pra crescer

aqui como depois nós retornamos pra lá pra crescer. Isso... que foi o inverso assim. (E. Mighiorin, 39 anos, Santa Rita do Ituetto).

Ele acrescenta que nunca se interessou muito pelas histórias dos antepassados, mas sempre se sentiu italiano dentro das definições do que é ser italiano nas terras de Santa Rita do Ituetto.

E foi uma história assim, que meu avô sabia e eu nunca fui muito assim de perguntar não. Eu me interessei foi depois que eu fui pra lá e que o próprio italiano lá me perguntava: “você é italiano?” “Sou. Sou italiano também.” [...]. Mas, eles falavam: “oh... quer dizer, seus avós foram pra lá e hoje você tá retornando então.” Eles também fazem essa pergunta. (E. Mighiorin, 39 anos, Santa Rita do Ituetto).

Considerações finais

As famílias de italianos que imigraram para o Brasil, mais precisamente para o Espírito Santo, vieram em busca de sobrevivência, com o objetivo de adquirir seu próprio pedaço de terra e viver em solo brasileiro. Os *nonos*, ao chegarem às terras brasileiras, buscavam manter sua italianidade através da reconstrução de hábitos e costumes, das festas e da ideia transmitida para os descendentes de que ser descendente é ser diferente dos brasileiros. Isso porque tinham um modo de ser diferente no trato da terra, na relação com os outros e nos costumes, estando essa percepção presente na expressão sempre repetida “nós italianos e os brasileiros”. Diferentemente, os descendentes que fazem o movimento migratório inverso ao dos seus antepassados, ao chegarem às terras italianas percebem-se brasileiros, pois não encontram a Itália reconstruída pela memória transmitida por seus *nonos*. O relato de J. B. Magri sintetiza essa ideia.

A nossa terra, a nossa vida, o nosso território é aqui! É no Brasil. Somos descendentes de italianos, mas nascemos no Brasil. (J. B. Magri, 35 anos, Santa Rita do Ituetto).

Podemos considerar que as diferenças entre a imigração dos italianos para o Brasil e a emigração dos seus descendentes para a Itália estão representadas na essência da elaboração do projeto migratório. Ambas são motivadas pela busca da melhoria de vida, mas, enquanto para a primeira essa melhoria se dá no território de destino, para a segunda a melhoria é projetada no território de origem. Os italianos fizeram uma emigração familiar, vieram para reconstruir a vida no Brasil e aqui permanecer. Eles recriaram uma ideia de italianidade que transmitiram para seus descendentes – o que foi reforçado pela percepção de serem diferentes dos brasileiros não descendentes –, valorizando sua origem.

Outro aspecto a salientar é que, no primeiro caso, tratava-se de uma migração tutelada pelo Estado. Diferentemente, a emigração dos descendentes é voluntária, não familiar e o retorno está circunscrito no projeto migratório. Na trajetória migratória, a ideia de italianidade construída pelos *nonos* e transmitida aos descendentes é desconstruída, pois ao chegarem à Itália percebem-se brasileiros.

Fontes Orais

- A. Baldon, 50 anos. Entrevista realizada pela autora em 26/08/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
- A. Casagrande, 32 anos. Entrevista realizada pela autora em 06/09/2011. Itueta-MG. (No momento da pesquisa de campo, a descendente estava a passeio no Brasil. Reside atualmente na região da Toscana na Itália).
- E. Mighiorin, 39 anos. Entrevista realizada pela autora em 11/07/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
- J. B. Magri, 35 anos. Entrevista realizada pela autora em 21/04/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
- M. Fazzolo, 31 anos. Entrevista realizada pela autora em 27/02/2012. Itueta-MG.
- M. Vazzoler, 36 anos. Entrevista realizada pela autora em 11/07/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
- P. Magri, 23 anos. Entrevista realizada pela autora em 25/08/2012. Santa Rita do Itueto-MG.
- V. Zorzal, 45 anos. Entrevista realizada pela autora em 08/07/2012. Itueta-MG.

Referência Bibliográfica

BOYD, Monica. Family and personal networks in international migration: recent developments and new agenda. **International Migration Review**. S. I. v. 23, n. 3., p. 638-670, 1989.

MASSEY, Douglas. S.; ARANGO, J.; GRAEME, Hugo.; KOUAOUCCI, Ali.; PELLEGRINO, A.; TAYLOR, J. E. Teorías sobre lá migración internacional: uma reseña y uma evaluación. Trabajo, año 2, No. 3, Enero del 2000.

NICOLI, Sandra.; SIQUEIRA, Sueli. Microrregião de Aimorés: território de imigração italiana e emigração de seus descendentes. In: GUEDES, Gilvan Ramalho; OJIMA, Ricardo (org.). **Território: mobilidade populacional: ambiente**. Governador Valadares: Editora Univale, 2012.

NICOLI, Sandra., GENOVEZ, Patrícia Falco., SIQUEIRA, Sueli. Migração, Memória e Território: os descendentes de imigrantes italianos da Microrregião de Aimorés/MG. **Revista História & Perspectivas**. Dossiê: História do Crime, da polícia e da justiça criminal, v. 26, nº 49 (2013). Universidade Federal de Uberlândia. Instituto de História. Revista Eletrônica. <http://www.historiaperspectivas.inhis.ufu.br>

SANTOS, Reinaldo Onofre dos; BARBIERE, Alisson Flávio. Reflexões sobre população, migrações e planejamento regional para o desenvolvimento. In: GUEDES, Gilvan Ramalho; OJIMA, Ricardo (org.). **Território: mobilidade populacional: ambiente**. Governador Valadares: Editora Univale, 2012.

SIQUEIRA, Sueli. Emigrants from Governador Valadares: Projects of Return and Investment. In: JOUET-PASTRÉ, Clemence and BRAGA, Letícia J. (Editors). *Becoming Brazuca*. Brazilian Immigration to United States. Cambridge - Massachusetts: Harvard University Press, 2008. p. 175-194.

SIQUEIRA, Sueli. **Sonhos, sucesso e frustrações na emigração de retorno.** Brasil/Estados Unidos. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

TILLY, Charles. Transplanted Networks in YANS-McLAUGHLIN, Virginia (ed.). **Immigration Reconsidered: History, Sociology and Politics**, Oxford University Press, New York. 1990, p. 79-95.
